

Isso porque a grande resposta da opinião pública ao processo golpista é, nesse momento, a enorme tendência de uma vitória de Lula em primeiro turno em 2018. Ao analisarmos as caravanas de Lula pelo Brasil podemos perceber que cresce um sentimento de recomposição política popular.

O próprio presidente já afirmou, em diferentes circunstâncias, que “o Lula não é uma pessoa, que o Lula é uma ideia”. E a ideia-força dessa recomposição popular parece passar por um sentimento de construção de condições e de escuta e diálogo, muito diálogo.

O movimento social chamado Lula é o que constitui o melhor potencial agregador desse sentimento e dessa prática. Foi isso o que mostraram as caravanas do Nordeste, de Minas Gerais e do Rio de Janeiro/Espírito Santo. O processo de suporte popular em defesa de Lula (basta recordar do dia do primeiro depoimento, o dia que o povo parou Curitiba) gerou o acúmulo necessário para uma nova empreitada de esperança e contato com o povo, proporcionada pelas caravanas.

Por outro lado, o próprio PT consolidou seu processo de escolha interna de direção e com ele reposicionou o partido na disputa nacional. Parte substancial da esquerda brasileira deu início a importantes iniciativas de discussão de um projeto para o Brasil. É o exemplo da iniciativa “Brasil Que o Povo Quer”, da Fundação Perseu Abramo e do PT, lançada em 2017.

Em seus diversos lançamentos, estado por estado, o “Brasil Que o Povo Quer” parece apontar uma conexão nova, eficiente e popular com as necessidades básicas do país, mas também reflete um contexto geral de que é preciso repensar o Estado brasileiro.

As classes trabalhadoras

Em 2017, assistiu-se à maior greve geral da história do Brasil e à construção da maior ocupação liderada pelo MTST em sua trajetória. São números que dizem isso, não narrativas. O que convence do contrário é a grande mídia golpista.

As mobilizações de CUT e MTST marcam um novo processo da resistência democrática e dão a esses movimentos o protagonismo das organizações em

defesa do interesse dos trabalhadores. Ambas guardam uma característica de radicalização política com capacidade de diálogo com as bases e intensidade de seus movimentos.

Valendo-se das relações em frentes populares (Frente Brasil Popular e Frente Povo Sem Medo) com diversas instituições, essas reações dão o tom da luta contra o golpe, apesar dos inúmeros retrocessos impostos pelo governo ilegítimo.

O que ocorre com esses movimentos, no entanto, é uma enorme dificuldade imposta pelas mídias tradicionais, que vendem uma falaciosa conjuntura de imobilidade popular. Um bom exemplo desse caso foi a decisão da CUT de não dialogar com os golpistas na tentativa fracassada das outras centrais de tentar negociar uma alternativa para o financiamento sindical, em contraposição a uma reação forte contra as reformas.

A imprensa, por seu lado, anunciou que “as centrais sindicais” possuem a estratégia central de negociar com o governo golpista uma saída para a contribuição sindical. Boa parte da repercussão disso, inclusive entre setores progressistas, aparece no mesmo sentido de enfraquecer a mobilização da CUT tratando da questão financeira.

Esse contexto prova mais uma vez que a escolha de narrativa e a sua disputa é fundamental para a “sensação de sucesso” desses movimentos. Paradoxalmente, a opinião pública caminha para o resultado dos processos de mobilização, atestando o interesse popular por um Estado indutor de um modelo de desenvolvimento que diminua desigualdades.

Em um momento de severas dificuldades políticas e estruturais, MTST e CUT apresentam um roteiro de solução nacional não desejado pela elite. E qualquer reação no efeito da imobilidade é parte da construção de uma tática golpista muitas vezes absorvida por setores da própria esquerda.

Assim, cabe, na análise de narrativa, a compreensão de que o sucesso dos movimentos sociais depende da forma como contamos essa história. Suas identidades e construções históricas seguem sólidas e capazes de convencer.